



24º Congresso Brasileiro de
PERINATOLOGIA
de 26 a 29 de setembro de 2018
Natal • RN

Trabalhos Científicos

Título: Investigação Da Doença Metabólica Óssea Da Prematuridade Em Recém-Nascidos De Risco Em Uma Maternidade Pública

Autores: LAIS GOMES LOPES TERRA (HOSPITAL MARIA AMÉLIA LINS/FHEMIG), SÍURA A BORGES SILVA, DALTON LOPES TERRA , DOROTÉA STARLING MALHEIROS, BIANCA LISA FARIA

Resumo: INTRODUÇÃO: A maior sobrevivência de recém-nascidos (RN) prematuros aumentou a incidência da doença metabólica óssea da prematuridade (DMOP). Seu diagnóstico precoce é importante para evitar complicações, principalmente as fraturas. OBJETIVO: Investigar a presença de sinais radiológicos e alterações laboratoriais compatíveis com DMOP em RN de risco e propor um protocolo capaz de diagnosticar com precocidade a doença . MÉTODOS: Trata-se de um estudo coorte prospectivo realizado em uma maternidade pública referência em alto risco obstétrico/neonatal situada em Minas Gerais. A amostra consistiu de RN prematuros, com menos de 1500 gramas nascidos em 2015, sendo excluídos aqueles que possuíam doenças causadoras de rarefação óssea. A investigação consistiu de radiografia de ossos longos ao nascimento e com duas e quatro semanas de vida e dosagem sérica de cálcio, fósforo e fosfatase alcalina com 2 e 4 semanas. Considerou-se para o diagnóstico de DMOP a presença de alterações radiológicas (alargamento epifisário, rarefação óssea, descolamento do periósteo e fraturas) e, pelo menos, uma alteração laboratorial (cálcio normal ou aumentado, fósforo baixo e FA elevada). RESULTADOS: Foram acompanhados quarenta e nove RN e DMOP foi diagnosticada em 7 deles (14), 3 nas primeiras quatro semanas propostas para o estudo e quatro após esse período, até quarenta semanas de idade gestacional (IG) corrigida. Entre os pacientes diagnosticados, 71,4 foram do sexo feminino, a IG média de 26 semanas e peso de nascimento de 677,14 gramas. As alterações laboratoriais encontradas foram FA elevada e P baixo. As radiológicas, descritas acima, foram observadas inicialmente no úmero esquerdo. Ambas puderam ser constatadas já na investigação de duas semanas em 30 dos pacientes diagnosticados. Osteopenia isolada sem alterações laboratoriais foi encontrada em 35 dos pacientes. CONCLUSÃO: Alterações laboratoriais e radiológicas compatíveis com DMOP podem estar presentes com duas semanas de vida em RN de risco. Entretanto, alterações ósseas não percebidas na avaliação de 2 e 4 semanas foram observadas com até 40 semanas de idade gestacional corrigida. Portanto, sugere-se que um protocolo em que a investigação da DMOP seja realizada com 2 e 4 semanas de vida e se repita com 40 semanas de IG corrigida.